

A Dimensão Cultural e o Espaço *uma leitura geográfica*

Elis Miranda

Professora do Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades
Universidade Cândido Mendes - Campos.

O livro *Introdução à Geografia Cultural (2003)*, organizado por Roberto Lobato Corrêa¹, geógrafo brasileiro de longa trajetória pela Geografia Urbana e Regional, e Zeny Rosendahl, também geógrafa, coordenadora do Núcleo de Estudos Espaço Urbano e Cultura no Brasil (1993), consiste na continuidade do trabalho de divulgar os aportes teóricos e metodológicos de uma subárea da Geografia, como definem os autores. O livro mostra o esforço iniciado com o lançamento da *Revista Espaço e Cultura*, em 1995; da *Coleção Geografia Cultural*, de 1998 e já se encontra com 11 volumes editados, além da organização do *Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura*, o primeiro ocorrido em 1998, transformado em Simpósio Internacional em 2006.

O livro é uma organização de textos já publicados originalmente em revistas especializadas de Geografia; reproduzidos na *Coleção Geografia Culturais*, somando-se a eles, textos apresentados em Conferências nos Simpósios sobre Espaço e Cultura. Assim, não há ineditismo nestes artigos. Entretanto, foram selecionados para compor esta obra os considerados por Corrêa e Rosendahl como textos seminais para os estudos da Geografia Cultural. Dispostos de maneira que o iniciante pelos meandros da Geografia Cultural possa fazer uma leitura da evolução do pensamento e do seu método. Assim como o título indica, trata-se de uma introdução.

O texto de abertura *Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda*, dos organizadores, foi o único escrito especialmente para esta publicação. Traz uma revisão teórica dos conceitos básicos e expõe os temas implícitos nos estudos de Geografia Cultural: 1) cultura; 2) área cultural; 3) paisagem cultural; 4) história cultural e 5) ecologia cultural e finaliza com uma agenda propositiva, auxiliando jovens geógrafos interessados em explicar os fenômenos espaciais a partir da dimensão cultural. Para os autores importa discutir, primeiramente, a cultura como conceito, visto que há muito foi negligenciado nos estudos

¹ Suas contribuições vão desde o reconhecimento das especificidades das regiões brasileiras aos estudos urbanos – rede de cidades e estudos intraurbanos – e mais recentemente, tem se dedicado à Geografia Cultural e a sua consolidação no Brasil. Atuando no NEPEC tem trabalhado na organização de eventos científicos, orientando teses e dissertações nesta área e incentivado as pesquisas sobre o espaço urbano a partir da dimensão cultural, proposta apresentada no texto *A Geografia Cultural e o Urbano*.

geográficos. Este seria o início para que a Geografia Cultural obtivesse no Brasil a mesma importância que se lhe atribui nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra.

O texto de Carl O. Sauer selecionado foi publicado originalmente em 1931². Considerado como o fundador da Geografia Cultural, Sauer apresenta a epistemologia da Geografia e como a cultura passou a ser entendida como uma dimensão analítica do espaço e que cabia aos geógrafos, e não aos antropólogos, a tarefa de realizarem tais estudos. Para Sauer *a geografia cultural é apenas um capítulo da geografia no seu sentido mais amplo e sempre o último capítulo*, criticando a negligência da Geografia no trato às questões relativas à cultura e a sua expressão no espaço. Além da teoria, se ocupou em definir o método de investigação, que nos ensina ser o *método evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorrem numa área*. Sauer inaugurou a Geografia Cultural no interior da história do pensamento geográfico.

Em *Os temas da Geografia Cultural*, Philip L. Wagner e Marvin W. Mikesell³ discutem os cinco temas que constituem, segundo suas convicções, o núcleo da Geografia Cultural: cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural, mas finalizam o texto lançando mais um tema, *a aplicação conjunta físico-biológica e cultural ao estudo de processos em curso nas paisagens e suas implicações para as comunidades humanas*, este, no entanto, foi lançado como desafio, sem que, nem os próprios autores, tenham tido tempo, neste artigo, de apresentar uma definição e o método como o fizeram com os demais temas.

O texto de James S. Duncan⁴ sugere uma revisão ao conceito de cultura. Critica a definição apresentada por Sauer, de origem na antropologia de Franz Boas, que trata cultura como entidade e a níveis supra-humanos. Duncan alerta, para a Geografia Cultural avançar analiticamente terá que dar ênfase à cultura como uma explicação social, psicológica e política, que passa por transformações por se tratar de um elemento resultante da condição da interação social, portanto, há dinâmica na cultura, e não como coisa dada pela natureza.

Do original *Toward a Radical Cultural Geography of Theory*⁵, traz as contribuições de Denis E. Cosgrove, geógrafo que tem contribuído para a elaboração de trabalhos de reconstituições de contextos espaciais através de imagens. Lança o desafio de pensar *cultura* como uma *palavra ideológica*, pois assim é o seu uso contemporâneo. Apresenta ainda, a discussão sobre a *produção e a reprodução da vida material, como uma construção coletiva*

² Sob o título original "Cultural Geography" publicado em 1931 na Enciclopédia of the Social Sciences, volume VI, New Yorque, Mac Millan. Reproduzido em "Readings in Cultural Geography" organizado por Wagner, P.L e Mikesell, M.W, Chicago, 1962. E Corrêa e Rosendahl organizadores da Coleção Geografia Cultural selecionaram este texto para compor a *Geografia Cultural: um século (1)*, lançado em 2000.

³ Publicado originalmente em *Readings in Cultural Geography*, Chicago (1962), foi incluído na coleção *Geografia Cultural: um século (1)*, UERJ, Rio de Janeiro (2000).

⁴ Foi publicado originalmente pela *Annals of the Association of American Geographers* (1980); compôs também a edição número 13 da revista Espaço e Cultura (2002), organizada no âmbito do NEPEC, coordenado por Rosendahl.

⁵ Publicado originalmente em *Antipode – a Radical Journal of Geography*, Worcester, 1983.

sustentada por códigos de comunicação – os símbolos. Importa, dessa maneira, à Geografia Cultural, explicar a relação entre a produção simbólica e a produção do espaço, construída historicamente para *legitimar e sustentar a dominação de classes.* Cosgrove nos ensina a ler a paisagem e entende-la a partir da relação entre cultura e ideologia, social e historicamente construída⁶.

Denis Cosgrove em companhia de Peter Jackson, em texto intitulado *Novos Rumos da Geografia Cultural* apresenta os *progressos da Geografia Cultural Radical*, em especial a idéia que a paisagem é um texto que deve ser lida, analisada, interpretada e explicada como *documento social.* Para Cosgrove e Jackson, *o conceito de paisagem como configuração de símbolos e signos leva a metodologias mais interpretativas do que morfológicas,* propondo, dessa maneira, uma metodologia específica para a leitura de imagens – representações do espaço – não como *janelas transparentes da qual se possa olhar o mundo real, mas as imagens e as linguagens são uma espécie de signo, com uma enganadora aparência de naturalidade e transparência, como um mecanismo de representação opaco, distorcido e arbitrário, um processo de mistificação ideológica* (Mitchell, 1986). A importância deste artigo está no reconhecimento da articulação existente entre a Geografia e a produção artística, por entender a motivação política na produção de representações, a mesma motivação política identificada na produção do espaço.

*A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia*⁷, de Paul Claval, constitui-se de uma revisão da abordagem cultural na Geografia. Antes de tratarmos do texto, importa ressaltar as contribuições do professor Paul Claval com sua obra intitulada *A Geografia Cultural*, de 1999. No seu texto sobre a contribuição francesa afirma que desde Paul Vidal de La Blache a paisagem é objeto de interesse nos estudos geográficos, tendo sido levado adiante por seu discípulo Jean Brunhes, colaborando com este Pierre Defontaines, deu continuidade aos estudos da paisagem.

Ainda segundo Paul Claval, desde o fim do século XIX a dimensão cultural foi objeto de interesse no interior da geografia humana e desde esta data as contribuições vêm sendo dadas pelos geógrafos franceses. Primeiramente apontando *o papel do gênero de vida e de suas componentes mais importantes: as técnicas e a força do hábito;* seguiu, afirmando o papel essencial, que desde os anos vinte do século XX, *representações e, mais especialmente, das representações simbólicas,* passaram a ter na organização do espaço; aponta para a contribuição francesa à compreensão *dos fatores etnográficos na diferenciação das paisagens.*

⁶ Da publicação original *New Directions in Cultural Geography, Área, 1987.*

⁷ Conferência proferida por ocasião do 3º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, realizado da UERJ entre 23 e 25 de outubro de 2002.

A partir da metade do século XX os geógrafos de orientação histórica demonstravam que os fatores culturais tiveram um papel mais importante que os fatores naturais na explicação das distribuições geográficas; nos anos sessenta do século passado, o espaço vivido, o papel dos sentidos e das representações aparecem, hoje, como orientações mais fecundas na Geografia francesa; e por fim, na atualidade, Claval afirma que no início do século XXI, os geógrafos franceses trabalham intensamente na reconstrução da geografia humana sobre uma base cultural. Não há, neste artigo uma contribuição teórica e/ou metodológica, podendo ser reconhecido entre os artigos de revisão da evolução do pensamento de uma subárea em uma das escolas do pensamento geográfico.

Corrêa apresenta, em seu texto, algumas possibilidades temáticas para os estudos da dimensão cultural: a) toponímia e identidade – entendendo as toponímias como elemento identitário, mas também articula linguagem, política territorial. Os estudos de topônimos envolvem a identificação das territorialidades dos grupos sociais; b) a cidade e a produção das formas simbólicas – compreende a explicação dos objetos – forma, função e significados - no espaço; c) a paisagem urbana e seus significados – procura identificar, a partir da leitura da paisagem como *meio de identidade social e ética*. O que demonstra o campo aberto para investigações sobre o Espaço a partir da dimensão cultural.

O livro é encerrado com o texto da professora Zeny Rosendahl *Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise*. A autora é fundadora da Geografia da Religião no Brasil, enfatizando os estudos sobre o sagrado e as suas representações simbólicas no espaço; busca compreender as tênues fronteiras entre o sagrado, o espaço e as dimensões econômicas, políticas do lugar, avançando, dessa maneira, na análise quando busca articular duas ou mais dimensões do espaço para explicar um fenômeno espacial – a produção do espaço sagrado é entendida como uma dimensão da produção social do espaço e não um estudo, apenas, da localização espacial das práticas religiosas.

Diante dos trabalhos apresentados nos Simpósios de Geografia Cultural há no Brasil um número significativo de geógrafos que tem se preocupado em analisar o espaço a partir de sua dimensão cultural; há os que se ocupam em reconstituir os contextos a partir de imagens; há aqueles que buscam identificar os territórios alternativos a partir das referências simbólicas. E no que tange à América Latina, ainda há um campo aberto. O desafio é apresentar a produção brasileira e latino-americana sobre a dimensão Cultural e a sua importância quando se pensa a cidade ou a região.

Assim, acreditamos que as discussões devem interessar também ao público voltado para o planejamento urbano e regional, pois o livro trás discussões de categorias como paisagem,

modo de vida, motivação política da produção do espaço e de suas representações, essenciais aos profissionais atuantes na prática do planejamento.

Com este livro, Corrêa e Rosendahl apresentam os principais autores da Geografia Cultural, o pensamento nos Estados Unidos, país de origem da delimitação do campo teórico desta subárea, na voz de Sauer e seus discípulos; a crítica de Duncan; a contribuição dos geógrafos ingleses na compreensão não só do espaço, mas nas suas representações; a contribuição francesa dada por Claval e, por fim, as principais contribuições à Geografia Cultural no Brasil. Finalmente, ressaltamos os esforços de Corrêa e Rosendahl para a fundamentação de geógrafos e demais cientistas sociais com textos que apontam para a dimensão cultural do espaço, muitas vezes negligenciada ou mal trabalhada.